



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV—N.º 379—Preço 1\$00
20 DE SETEMBRO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa
Relação e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do Correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário

Facetas de uma Vida

As experiências de dois famosos viandantes

A camioneta de Folques buzinou às cinco da manhã; o silvo da locomotiva da Louzã, às oito e eram dez, contados pelo relógio, quando entrámos as portas do Seminário.

Gente bendita detrás da Serra!

Pobrezinhos; pequeninos que cavais o pão de cada dia no fundo dos montes, em courelas de duro amanho, — e contudo saís muito mais generosos do que os largos horizontes dos vossos sítios, — daqui vos saúdo efusivamente, sinceramente, eu, que não mereço nem sequer limpar a poeira dos vossos grosseiros sapatos! Foi em montes como os vossos, a gente da vossa igualha, que Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou outrora e ensina hoje, as mais sublimes páginas do Evangelho! Não é de forma nenhuma aos grandes, nem aos sábios, nem aos prendados que Ele se comunica, mas sim somente aos pequeninos, aos pobrezinhos, aos simples, — e aos que vivem crucificados no seu carac-

ter, suportando-se com muita coragem e paciência, sofrendo em silêncio conscientemente, divinamente, as quedas de todos os dias!

Oh! como são extraordinariamente felizes os que sabem viver, deixando-se morrer aos bocadinhos!

Gente bendita detrás da Serra! — digo.

A minha suprema consolação é a esperança firme em que vivo de que dentro em breve voverei a visitar-vos, sem saco nem bordão, eu pobrezinho e pequenino como vós, pedir uma côdea por esses presbitérios e com ela, cantar nos púlpitos das vossas igrejas — lindas e asseadas como as vossas almas — os vossos trabalhos; a vossa altíssima pobreza; a vossa grandeza e a vossa dignidade em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Frei Junípero

«LUME NOVO» N.º 8
(Novembro de 1928)



«De longe e de perto. Não param. Todos os caminhos levam a Paço de Sousa». E porquê? «A realidade está à vista. Queremos ser uma Casa de Verdade. Não de fachada». Eis.

EXCURSÕES

De longe e de perto. Não param. Todos os caminhos levam a Paço de Sousa. Queria enumerá-las todas. Não posso. Não tenho memória para tal. Só sei dizer que, aos domingos, é um mar de gente. Há os que vêm admirar as

belezas naturais da nossa Aldeia. Tantas elas são! Mas não se ficam por aí. Atrás dessas, outras se abrigam muito superiores. Essas sim, o verdadeiro motivo das visitas. Vêm uma, duas, três... mais vezes. E não se cansam. Prometem voltar. As nossas portas estão abertas de dia e de noite.

Logo de manhãzinha, ainda o sol mal despontara, já as ruas são percorridas. Vêm tudo. Não querem perder nada. Perguntam. A realidade está à vista. Queremos ser uma Casa de Verdade. Não de fa-

ca chegasse! No aniversário do marido uma com vinte. Pela fala parece do Porto.

Alguém, do Gerês, deixou cem no Espelho da Moda. «Junto envio a importância de 340\$00 referentes a dezasete meses da minha contribuição para o Calvário». É mensal. E como esta muitas como veremos. Este Snr. que se lembrou dos doentes antes de partir para férias diz que pede «sempre a Deus que me dê o espírito de Caridade pois para mim a Caridade é o máximo mandamento da Lei de Deus». É sim senhor, e também o último degrau para entrar no Céu. Foi o Mestre que o disse. Está no capítulo 25 de S. Mateus: «Vinde benditos de meu Pai possuir o Reino... O que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos a Mim o fizestes».

E quantos não-de chegar lá acima e falta-lhes o pé.

De Maria Ana uma promessa de vinte escudos. E os cem do mês de Agosto dum amigo dos pobres. De Emília Cândida 20. De Braga quinhentos, de quem diante da grandeza do Calvário ama ser ignorado. Que obra esta feita por pessoas sem nome, quando em tantas é o grande sugador. Cem angolares de quem deseja vir todos os meses. Deus a ajude.

—Continua na página QUATRO

chada. Os cicerones são os próprios pequenos. Ninguém melhor do que eles. São da casa. A casa é deles.

X X X

Há os que vêm comoromeiros. Escondido num cantinho da nossa Capela, sou testemunha dos desabafos e das lágrimas que caem na pedra fria do sopé do Altar. Os pés, a sangrar, pisados pelas longas distâncias percorridas, santificam ainda mais aquele lugar sagrado. Como tudo isto nos confunde! A todos queremos agradecer as provas de amor que nos deixam naquelas migalhas recolhidas e no carinho com que olham para os nossos filhos.

X X X

Já não sei quando. De um grupo de visitantes sai alguém que se dirige ao escritório onde eu trabalhava. Agarrou-se-me: «Já não sei rezar. Ensine-me o Pai Nosso que aprendi na minha juventude». Compreendi. Tudo o que acabara de presenciar lhe falava de Deus. Rezamos juntos. A Obra não é dos homens.

Padre Manuel António

Visado pela

Comissão de Censura



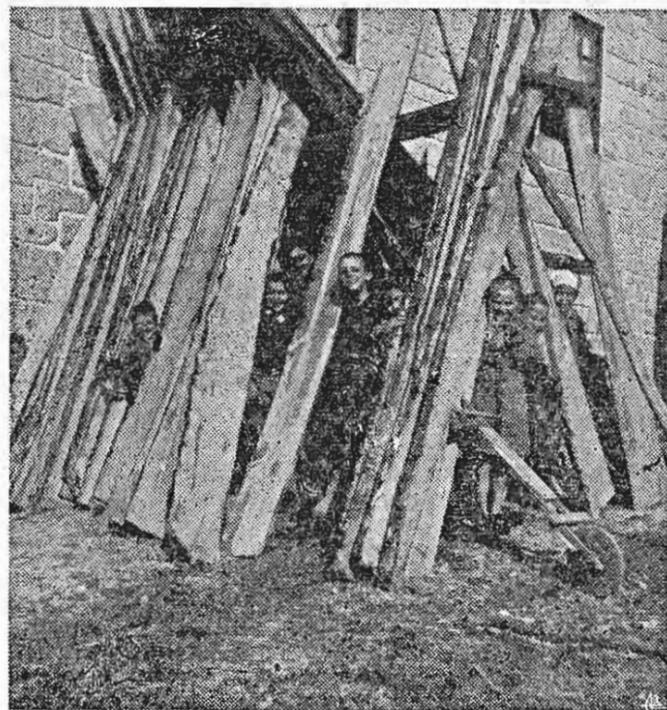
Não pode ter sido um pensamento humano, este de Pai Américo querer dar conforto e esperança aos incuráveis. Ai estão os donativos, das mais variadas proveniências, a demonstrar a generosidade espontânea de tantos, que dão por uma necessidade espiritual. É por causa do espiritual, que no Calvário há tanto conforto. É até a nota característica. Tudo tão bem feito, tanta beleza e paz que apeetece estar ali. Aqueles doentes não-de gostar de ser doentes.

O Snr. Teixeira estava há tempos de cama. Snr. Padre Carlos passa em frente e pergunta: Então você que tem? Não tenho nada. Então, mas porque está aí, não lhe doi nada? Não Senhor, não doi. E o Snr. Teixeira, deitado na cama, sorria com satisfação sem pena de já não sentir forças para andar. E quantos virão ali castigados pela dor, sorrir a primeira vez, depois de muitos anos.

Esperamos em Deus, que não tarde quem os há-de ajudar a sorrir. A boa disposição é uma janela aberta ao Sol da Graça. Da podridão dos corpos, há-de fazer Deus germinar flores de virtude. Melhor diria de virtudes e das três maiores: Fé, Esperança e Caridade. Fé e Esperança para os nossos doentes amparados pela Caridade de quem os trata ou ajuda.

Vejamos quem não espera pela casa cheia para desatar a dar. Bem hajam leitores amigos, porque luz que vai adiante alumia duas vezes. Uma doente que compreende o seu sofrimento, manda vinte. Da Póvoa, ao satisfazer a assinatura de pessoas amigas, vem uma lembrança de

60\$ para o Calvário. Cumprindo uma promessa, cem e uma toalha para a capela. Cinquenta de Cruz da Beira e vinte dum trabalhador do Porto. A distância aproxima os corações. Um cirurgião de Vila Real de Santo António, aonde não chega de bisturi vem com a Caridade. Ai se



Paço de Sousa — Um magote deles a sorrir.



O nosso pequenino é o encanto de toda a casa. Eu até já fiz o propósito de quando ele perder todo o atractivo infantil, ir buscar outro das mesmas condições, porque infelizmente há muitos.

Fez agora dois anos. São dois anitos cheios de graça. Todos o querem e chamam. Cada um lhe ensina o seu nome e todo se alegra quando o procura dizer. Até eu fico todo babadinho quando chama por mim.

Há dias surpreendi o **Manequim**, agora auxiliar do chefe, com o menino ao colo a dizer-lhe o seu nome: **diz lá—Quim**. E o menino disse e o **Manequim** todo se envaideceu.

Outro dia levei-o comigo a Paço de Sousa. Foi um número de muita festa. Os maiores vieram pedir para o deixar ficar algum tempo e o mais curioso foi que o Padre Carlos também pediu. Ora vejam uma casa de tanta gente, toda a fazer festas ó menino e «O Gaiato» à espera na máquina, e os assinantes a queixarem-se da desorganização e as oficinas paradas e os animais a berrarem com fome.

De passagem pelo nosso Lar de Coimbra, onde por acaso estava uma pequenita que vive com a avó, pobre da Conferência dos Rapazes, a pequenita veio pedir se eu deixava levar o menino à avó. Ele começou a chorar e ela chorou também com pena de não ver o menino.

Muitos dos nossos vizinhos e famílias da Vila pedem para o menino ir até sua casa.

Ontem, nas ruas de Coimbra, ao colo da mãe, uma rapariga anormal que nas aflições o mordía, ninguém o acarinhava. Hoje, na Casa do Gaiato, todos dão beijos e fazem festa. É assim que somos amados.

x x x

Ontem à noite quando cheguei da Figueira, onde fui pedir, Toninho pediu-me: **senhor pá-rácio, deixe-me ir a minha casa**. Momentos depois, quando voltei de rezar o terço na capela, repete o mesmo pedido.

Toninho tinha dois anos quando o fui buscar aos hospitais de Coimbra. Trouxe-o ao colo. Era o quinto de seis filhos pequeninos de um matrimónio desfeito. O pai deu em vinho e em espancamento. A mãe, um tanto atrasada, abandona a casa com os dois filhos mais novos ao colo e vem entregá-los aos hospitais, fica em Coimbra e não volta ao seio da família. Passados uns meses, os pequenitos melhoram e ninguém aparece a buscá-los.

Nessa altura chamam por nós e eu fui. Dias depois foi o baptisado e até há pouco foi o nosso benjamim e hoje é o guarda muito terno do novo benjamim.

O pedido do Toninho, embora cheio de infantilidade, é cheio de justiça. Ele não tem casa, a não ser a nossa; não

sabe do pai e da mãe que também a não têm; mas pede que o deixe ir a sua casa. É a força interior de uma exigência humana que se revela à maneira que o homem vai tomando conhecimento da sua idoneidade. Quanto ele há-de sofrer quando um dia compreender a situação da sua família! Quem há que se atreva a negar ao homem estes direitos tão naturais?

x x x

O **Saquinhas**, assim chamado por trazer uma saca ao ombro quando veio e não a deixar durante alguns dias, foi encontrado há pouco de saca na mão para se ir embora.

Trazem-no ao meu quarto e diz-me que sendo da erva e tendo um sacco pequeno e já roto que não trazia erva ne-

nhuma, tinha pedido um sacco ao chefe e ele não lho tinha dado e por isso queria ir-se embora.

Procurei animá-lo, ficou e anda contente.

O **Saquinhas** veio há poucas semanas ainda. Foi um caso de muita aflicção. O pequenito de nove anos, filho ilegítimo, com a mãe ao serviço de tudo numa vila, vivia com a avó, uma mulher de bebidas, que o espancava quando não trazia muitas esmolas para casa. Sentindo-se assim maltratado, procura suicidar-se. Num domingo foi encontrado por um companheirito seu, já com o laço feito numa corda dependurada a procurar enforcar-se.

Nós não sabemos quem diante de Deus teria a responsabilidade do mau acto desta criança: a mãe, a avó, o homem que lhe deu o ser e não quis o nome de pai, as condições sociais? Não sabemos.

Que cada um de nós medite e peça perdão.

Padre Horácio

Chales de Ordins

Nunca tivemos tantos chales em armazém como agora, tantos que «nem dois aviões os levam» conforme o dito duma tecedeira. A razão de tão grande quantidade é que sempre se conseguiu que algumas tecedeiras ganhassem gosto pelo trabalho. A Exposição Têxtil Internacional do Porto foi também ocasião para se confeccionarem muitos mais. E afinal não compensou a deslocação dos nossos chales à dita Exposição, que sempre supús fosse também Feira. Por outro lado, se muito temos em armazém, é porque se tem vendido menos que no ano passado. Mas valeria a pena ter-me empenhado tanto pela recuperação de algumas tecedeiras pelo trabalho, se agora, sem ele, voltarão à primeira forma? Vamos vivendo de esperança, pois «a época que entra é própria de grandes encomendas». Assim seja. Lisboa confidencia: «confesso

que uma das minhas fraquezas é só gostar do que é muito bonito e por isso desejava que o chale fosse muito branco e muito perfeito». Vem-me à mente o desabafo de St.º Agostinho: «Ó Beleza sempre antiga e sempre nova, quão tarde Te conheci, quão tarde Te amei!» A maior parte procura a beleza que morre... Por isso o Pobrezinho de Assis gritava: «Amor não é amado!» Sim, a Beleza infinita: A Beleza que não morre!

Barcelos vem por dois. Poresinho já encomenda meia dúzia para o inverno. Não fique triste com o postal recebido. É fruto da nossa experiência e pobreza. Jamais, tem-se dito aqui que a cobrança, não. Há mister de simplificar o trabalho. E até ao dia 5 p. f., se Deus quiser.

Esmoriz é um nome difícil de encontrar nas colunas do *Famoso*. Com tristeza o digo, pois sou de lá. Aqui vai com o seu chalinho. Um Médico de Carção vem pelo 3.º, «para ajudar a combater a ociosidade forçada em Ordins — de que «O Gaiato» tanto se queixa». Dois Portos vem pelo seu com 150\$. Lisboa e Porto juntaram-se.

Gavião já encomenda para o Natal. Ora assim, sim. Jovim enfileira e traz uma ajuda. Lisboa, de novo. «O que eu não quero é ficar sem um». Penafiel fe-cha o cortejo: «o que sobrar é para a Casa das Tecedeiras».

x x x

A Câmara de Penafiel traz 5 mil e a Comissão Municipal de Assistência 500 para a Casa das Tecedeiras. O edifício vai subindo. Breve, fica pronto de pedreiro. A Cerâmica de Jerónimo Pereira Campos, de Aveiro, livrou-me de dores, prometendo 2.000 telhas. Os leilões de Ordins ultrapassaram os 8 contos. Está de caminho à bica a obra de carpinteiro. Se aparecesse alguém que aliviasse a pesada cruz de quem quer construir sem dinheiro... A casa tem 13 portas e outras tantas janelas. Quem aparece com castanho, macacaúba, vidro, contraplacado?... Quem traz pregos? Quem me aligeira o peso da cruz?

Padre Aires

Peregrinação a Lourdes

Os periódicos ditos de grande circulação, enquanto há de quê, ou até porque não haja muito mais de que falar, costumam mandar ao estrangeiro os seus correspondentes. E depois, vão enchendo colunas, números a fio, com as suas reportagens.

Ora eu ainda não vi, mas já me constou que o Daniel trouxe de Lourdes grande volume de apontamentos, que, certamente, tencionará desenrolar aqui, diante dos olhos de quem cá ficou.

Dir-se-ia que não quisemos ficar atrás dos grandes periódicos... Nada disso. As crónicas de viagem aí estão. E é certo que Daniel e Manuel Pinto, mais Crisanto foram por aí fora. Foram em missão de Fé e simpatia, por conta de Amigos nossos do Brasil.

Este é o ano centenário das aparições de Nossa Senhora em Lourdes. De todo o mundo têm sido contínuas as peregrinações. E muitos lá têm ido em desejo, por não poderem mais. Pois há ainda os que foram, representados por outrém. É o caso daqueles nossos Amigos do Brasil.

Com um cruzeiro pelas ruas da amargura, ir do Brasil a Lourdes não é empresa fácil. Pois bem! Tudo se facilitava, para quem partisse de Portugal. E então aqueles nossos Amigos resolveram fazer dos nossos rapazes os seus legados. Ó desejo verdadeiro e eficazmente piedoso! Ó simpatia!

Ora aí têm a explicação destas crónicas de viagem.

Organizada pela revista «Miriam» e seu Dig.mo Director Rev.do Senhor Padre Martins, dos Padres Redentoristas, na cidade do Porto.

Dia 26. Manhã calma, com leve neblina que trazia um ar fresco, nós, Manuel Pinho e Crisanto apresentamo-nos nos lugares destinados na primeira camioneta. A partida foi dada um pouco antes das 8 horas. Lá seguimos em direcção a Gaia, S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, passando por graciosas

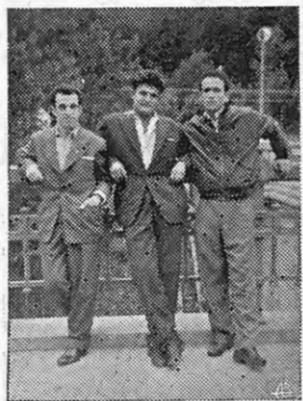
aldeias, que dão alegria a este tão lindo Portugal, que nos habitamos a amar desde meninos.

A camioneta acusa um pouco de esforço, o primeiro: É o Luso e a sua subida. E a camioneta e nós lá seguimos, descrevendo curvas por entre luxuriante vegetação até ao alto.

Cá em baixo, belos hotéis e pensões desta conhecida estância termal, concluem esta pintura que os olhos divisam e a imaginação retém.

Passado isto, entramos nas terras tipicamente beiroas. A Beira tão antiga, bela, poética e tão portuguesa. Divisamos já Tondela; um instante é Santa Comba Dão, onde pudemos apreciar a casa pequenina do Senhor Presidente do Conselho, unvida de flores. Estas flores lindas que nos dão paz, fé, alegria e nos prendem ao rincão onde pela primeira vez vimos a luz do dia. Esta a felicidade e a história das flores portuguesas. Estas a nossa alegria e o nosso bem.

Continuamos a nossa viagem. Vamos, por entre pinhais, ondas de verdura, estrada boa e cercanias com seus bardos de uvas que



Manuel Pinto, Crisanto e Daniel — os três peregrinos.

dão o nosso vinho que tanto faz admirar o estrangeiro, a caminho da Guarda, onde almoçamos no restaurante Cristal.

Acabamos de almoçar e lá fomos. A nossa camioneta ia à frente. Chegados a boa distância esperamos pela outra. Mas o negócio estragou-se, pois tinha metido por outra estrada e bem podíamos esperar o dia todo. Este foi o primeiro precalço. Continuamos nossa viagem a caminho de Vilar Formoso, fronteira portuguesa. Chegamos e, como esperávamos, lá estavam os da outra camioneta. Fartaram-se de rir à nossa custa e nós não gostamos muito... Perdemos bastante tempo e tínhamos de chegar a Salamanca tarde. Enquanto se arrumavam as formalidades alfandegárias, o que ainda demorou um bom tempo, nós e o Crisanto, fomos os primeiros a pisar terras de Espanha para jogar a bola com uns «chicos» espanhóis, num campo que ficava perto, meio pelado, meio com ervas de pasto quase

Cont. na página QUATRO

«...Se não fosse a Obra da Rua que seria eu, hoje?»

Escrevo pela primeira vez para o nosso jornal afim de contar alguns passos da minha vida.

Eu antes de vir para a Casa do Gaiato trabalhava na lavoura pois a necessidade assim obrigava. Minha mãe era muito doente. Eramos só três irmãos e não tínhamos irmãs. Na véspera do Natal, minha mãe teve um ataque e ficou parálitica para o resto da sua vida. Como não podíamos pagar a quem olhasse por ela, fui eu que fiquei em casa a cozinhar para ela e para o meu irmão que trabalhava no campo. Depois minha mãe piorou e morreu. Quando meu irmão chegou a casa e soube da notícia não conseguiu comer! Tínhamos na Casa do Gaiato um irmão e fui eu pelo telefone dar-lhe a dolorosa novidade.

Com ordem do Pai Américo foi ao funeral; além disso o Pai Américo deu-lhe algum dinheiro para nos ajudar e disse que se ele tivesse algum irmão mais novo o levasse. E é por isso que hoje me encontro na Obra da Rua. Lá fora talvez fosse um infeliz mas tive a sorte deste auxílio a que me agarrei com gratidão.

Eu lá fora era um malandro, não queria ir para a escola e minha mãe antes de morrer sacrificou-se muito; mas eu, como não tinha livros, não queria ir estudar pelos livros dos outros e como naquele tempo ainda não eramos obrigados a ir à escola peguei e não fui. Hoje, arrependido por não ter aprendido, enchi-me de coragem e cá na Casa do Gaiato

Da que nós necessitamos

Cartas como estas não são raras. «Agradece o aumento verificado no seu vencimento mensal e envia a importância correspondente a esse aumento. Pede ao mesmo tempo que o seu nome não seja divulgado — 1.500\$». É um engenheiro de máquinas que fala. A linguagem da Caridade é simples. Esse Sr. Engenheiro poderia guardar o dinheiro. Não quis. Preferiu pô-lo a render. «Junto um cheque de 150\$. Faço-o com o maior prazer e só lamento não poder ser multiplicado muitas vezes». Vem de Figueiró dos Vinhos. A assinante 25.635 acrescenta 50\$. «Para o que fôr mais necessário». Agora é a vez da Régua com cem. Metade para os Pobres do Barredo em troca de uma Avé-Maria. Menos 10 «peço o favor de celebrar uma Missa em acção de graças logo que seja possível». O seu desejo está cumprido. Vinte escudos para socorrer um Pobre do Barredo «por alma da minha mãezinha». Cinco vezes mais de Lisboa, para os nossos rapazes. Cinco vezes menos da habitual assinante 23.744. «Que este pequeno auxílio, oferecido por Amor de Deus, faça com que Ele, lá do alto, nos dê forças para suportarmos com resignação as dores morais que tanto nos atormentam». O mesmo «da mesma admiradora dessa grande Obra». Em acção de graças — 100\$. Não falta uma vez sequer, o pessoal da Mobil Oil Portuguesa. Desta vez veio com 53\$50. De Lisboa, 21\$. O mesmo Amor e entusiasmo da Avó de Moscavide. M. J. envia 100\$, e pergunta se recebemos a de Agosto. Recebemos, sim. Nem sempre podemos dar notícia de tudo o que nos dão por falta de espaço. De resto, tudo o que nos mandam cá vem ter. Uma alma «afлита e que sofre muito» desabafa com 20\$. «Junto remeto a quantia de 232\$90 correspondente à décima parte do primeiro ordenado recebido no ano lectivo findo. É uma dívida de gratidão que quero liquidar. Não mencionem o meu nome». Vem da Figueira da Foz. Em cumprimento de uma promessa — 50\$. O mesmo pelo mesmo motivo. Para a viúva da «Nota da Quinzena» 100\$ e para ajudar uma mãe a alimentar o seu filho igual quantia. Ainda o mesmo da R. do Baixinho, em Rio Tinto. Outros cem para a viúva dos 8 filhos, correspondentes à mensalidade de Agosto e Setembro. Uma assinatura do Gaiato paga e o restante para a Obra da Rua. Mais do Porto em acção de graças. Figueira da Foz volta com 100\$ em cumprimento de duas promessas. «Peço desculpa da insignificância mas é de

consegui aprender e fazer o exame da 4.ª classe.

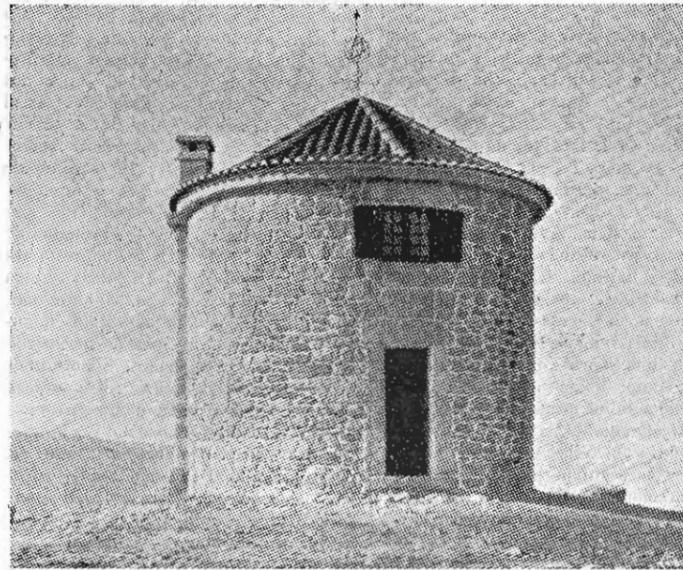
Também quero dar a saber ao meu irmão, que hoje se encontra no Brasil, esta notícia que o deve, por certo, alegrar.

E hoje, depois de tudo isto, estou contente. Se não fôsse o Pai Américo, — se não fôsse a Obra da Rua que seria eu, hoje? Só Deus o sabe!...

António Henriques (Sedielos)

boa vontade que ajudo a Obra sempre que me é possível». Mais acções de graças. De Avanca, o costume pelo «eterno descanso de meu marido». O amor autêntico é assim. Nem a morte é capaz de lhe cortar os laços. «Junto envio 600\$ que havia prometido caso fôsse promovida a categoria superior». Pede-nos para guardar silêncio. Não nos podemos calar perante tais maravilhas. Cem, de Matozinhos, para o que fôr preciso. E Lourenço Marques vem com metade. E a procissão fecha com chave de ouro. «Aqui estou mais uma vez e com todo o gosto, a enviar a minha quota-parte. Procurarei todos os meses enviar esta quantia. Podem crer numa coisa: logo que possa mandar mais, mandarei. Não sei, mas é uma Obra tanto de Deus que quanto mais mando, mais tenho. Há uns meses nada mandava e o dinheiro sumia-se como por encanto. Agora todos os meses mando e também, por encanto, o dinheiro chega-me e sobra. Bendito seja Deus. E. D. M.»

Padre Manuel António



A Casa-abrigo, no alto de um monte donde se goza um dos mais lindos panoramas de Portugal.

Avelino e Júlio, após a conferência no mais alto nível, sempre acordaram na solução que me parecia fácil e capaz de não deixar adormecer os distraídos.

Antes, porém, não quero deixar de referir a sugestão de um leitor de António Enes, que lá da longe Angola não deixa de viver activamente os nossos problemas:

«O Gaiato» tem falado em atrasos de assinaturas quanto ao seu pagamento.

Cremos que muito bem se poderia fazer aos assinantes e ao Gaiato, se usassem na Redacção o processo americano que é colocar debaixo da direcção, o mês e ano em que terminam o pagamento das assinaturas».

Sim senhor, era muito simples e eficiente, se os leitores olhassem para o endereço que vai no jornal. Mas quem no lê? Como havia a gente de habituar 30.000 olhos cheios de boa

As nossas férias

Férias são férias! Eu tinha fígado a minha que não havia de escrever nada para este jornal. Encomendei crónicas a toda a gente. Contava com todos os nossos padres e pronto... Afinal padres Baptista e Acílio mesmo sem premeditarem (se é que não...) fizeram gazeta. Eu cumpro enquanto pude... Tôininho, meu companheiro destes sete dias deliciosos no alto de um monte donde se goza um dos mais lindos panoramas de Portugal, cumpriu o seu recado.

Eu, enquanto pude cumpro. Enquanto não, aqui deixo o meu protesto.

No dia 3 de Setembro o Sr. P.e Carlos teve a oportunidade de ir passar 7 dias de férias. Escolheu-me a mim e ao Sedielos. As férias fomos passá-las a Fontelo de S. Domingos, ao Alto Douro. A nossa casa ficava no monte que separa Valdigem de Fontelo. Quando chegamos fomos acolhidos pelo pároco desta freguesia duriense, o Sr. Padre António Duarte Júnior. À ida para lá a viagem não nos correu como devia ser, pois ao passarmos pelo Marco de Canavezes havia feira e a Polícia de Viação e Trânsito fez o favor de mandar parar o Sr. Padre Carlos e multou-o em 50\$00. Só por não ter dado a volta a uma placa que há pouco tempo ainda não tinha nenhum sinal que mandasse isso!!! O Sr. Padre Carlos até disse: «Isto é o que chama ser assaltado na estrada, em pleno dia!» Passamos uns 7 dias em cheio. O

encarregado de fazer o comer era o Sedielos que tinha como ajudante o Sr. Padre Carlos. Eu acarretava a água e fazia as limpezas. No dia 3, ou seja na quarta-feira à meia hora, paramos o automóvel e fomos comer para uma mata à sombra dumas árvores. Ao chegarmos a Fontelo o Sr. Manuel mais a mulher começaram a acarretar as roupas e os colchões para o carro. Chegamos ao novo edifício muito suados. Tiramos toda a roupa e tachos do Morris; fizemos as camas; preparou-se o comer, e o Morris foi posto na borda do caminho a descansar das fadigas da jornada. À noite acabamos de comer, rezamos e marcaram-se os horários. Cada um deu a sua opinião. O Sedielos disse: que era bom levantar às sete da manhã, missa às oito, almoçar às oito e meia ou nove menos um quarto, o jantar ao meio-dia, merendar às quatro e meia e ceiar às sete e meia. Aproxima-se a minha vez de falar: e eu declarei que o melhor era deitar-mo-nos às dez, levantar às sete e meia, missa às oito, almoçarmos às nove menos alguns minutos, jantar à meia hora, merendar às cinco, ceiar às oito, rezar o terço às nove para às dez nos deitarmos.

O Sr. Padre Carlos aprovou o meu horário e reprovou o do Sedielos. Comia-se melhor do que num restaurante. O cozinheiro era um primor, mas os senhores desculpem por eu dizer que o ajudante ensinou o Sedielos a fazer uma omelete como manda a lei. Os dias iam-se passando.

A Casa-abrigo, no alto de um monte donde se goza um dos mais lindos panoramas de Portugal.

COBRANÇA

vontade, mas distraídos por tanta coisa que solicita (em primeiro lugar o próprio recheio do Famoso!) — como havia a gente de lhes chamar a atenção pró endereço?

Depois, tínhamos que mandar gravar aquelas datas 30.000 vezes, o que demorava ainda seu tempo e lá se ia a actualização agora quase terminada!

Daí, que sempre se tenha optado pelo sistema que aí vai: Consideramos a partir de agora todos os assinantes em dia. (E realmente quase todos assim estão ou, pelo menos, com a sua posição actualizada nesta bem pouco financeira balança de pagamentos).

Ora nós temos um livro onde diariamente se assentam os pagamentos desse

dia... O melhor é um exemplo: O assinante X pagou hoje o ano que corre. O ano próximo, três dias antes, segue um postalzinho com mais ou menos estes dizeres:

«Com os nossos cumprimentos, informamos que a anuidade da assinatura de V. Ex.ª terminou em de 19..... (hoje)».

Toda a gente fica lembrada e, querendo e podendo, manda o que quiser e puder e tiver estabelecido como o seu preço de assinatura, o mais possível dentro daqueles dias. Se quiser e puder, até o pagamento pode fazer-se todos os anos no mesmo dia!

Se todos se esforçassem por colaborar e entrar nesta sociedade, espontaneamente, sem cobrança nem na-



Na capela, junto de Cristo Vivo, e à sombra do Cruzeiro, aliviámos o peso da nossa cruz.

O panorama era muito bonito. De noite tudo aceso por aqueles arredores como sejam Fontelo, Valdigem, Régua e Lamego. No domingo estivemos para ir à festa de Nossa Senhora dos Remédios que se realiza todos os anos em Lamego. É sem dúvida a mais bonita de Portugal. O Sr. Padre Carlos entregou 50\$00 ao Sedielos para pagar a camioneta. Viemos para a beira da estrada esperar a carreira mas já ia atrazada e além disso tudo ocupado, de não caber nem sequer uma mosca e por isso não fomos onde desejávamos. Na segunda-feira foi a limpeza geral, fiz as camas, fui buscar água e esfreguei o quarto todo com sabão branco excepto as escadas que depois o Sedielos se encarregou de limpar como também a cozinha. Na terça-feira viemos embora e fomos a Godim falar com a senhora madre deste local. Passamos depois pela terra natal do Sedielos. A estrada era horrível. Tinha cascalho aos lados e o automóvel mal podia rodar. Depois dele ter feito a visita à família fomos comer para a fresca dumamata. Comemos, descansamos um pouco e voltamos para o carro, e então toca de gozar o Sedielos a respeito das estradas. O meu ilustre companheiro que desculpe mas é só para o animar.

António de Azevedo

da — isso é que era bom!

Ora bem! Só para sermos práticos mais um esclarecimento muitas vezes perguntado:

— E quanto devemos mandar pela assinatura?

— Olhe minha senhora ou meu senhor! O jornal não tem preço. Ele é mensageiro do Amor. Só pede em troca que os homens depois de o lerem fiquem amando mais e melhor. Este é o preço essencial! Mande o que quiser e puder! Mas, se insiste em saber uma ordem de grandeza, eu lhe digo: Saem 26 jornais em cada ano. São vendidos avulso por um escudo. Faça as contas, por favor, e aí tem uma ordem de grandeza.

Ora pronto! Eu gostaria de dar por aqui encerrada esta rubrica. Vamos a ver se os senhores se portam bem, se o sistema dá e se eu me livro das seringadelas do Avelino, que é mansinho, mais do Júlio, que é bravo!...

PAÇO DE SOUSA

— A família do Gaiato continua sempre a crescer. E é pena que não tenhamos mais lugares no refeitório e camas de vago, pois os pretendentes são às mãos cheias.

Outro dia, entrou mais um da Régua. É muito alegre e tom um sotaque muito patusco.

No primeiro dia, foram férias. No segundo, na Composição das oficinas gráficas, foi baptizado. Um lençol por cima precisamente o que iria servir na sua cama, uma bilha de água por cima e ficou a chamar-se VIADO.

A seguir foi tomar banho, trabalhar para o campo e agora é um dos 180 da Aldeia de Paço de Sousa.

Viado, Viado. Viado para aqui, Viado para ali: Sempre Viado.

— Visitas. Muitas visitas! É um nunca acabar delas e mais delas. Aqui aos domingos são autênticas romarias. Não faltam cá os grupos populares: «Bota Abaixo». «Não gostamos das sogras». «Quem mandam são os homens». «Nós vamos e o serrote fica». «Sempre a rolar». «Milionários por um dia». «Os tesos». «Os bichos». «Olha para elas!»... «O que tu queres é conversa». «Amigos da farra». «Nós somos assim». «Não vamos na conversa!»...

E muitos mais. Estes todos sabem onde fica Paço de Sousa! É assim mesmo. Não cortem prego, é o que a gente quer. Dos fracos não reza a história... «Não te aflijas, Miqueлина», para fecho deste cortejo de Amor!

co reanimada, mais um pouco confortada com a sociedade e com Deus, se não tivesse havido um pouco de caridade?

Era uma pobre família desanimada, desamparada e já esquecida da humanidade. Ora, fomos encontrar estes nossos irmãos, num dos becos desta cidade do Douro. Tinha chovido torrencialmente, o leito tinha aumentado, os regatos hrotavam com abundância, aglomerando as águas naquela imensa viela. Os jornais anunciaram a cheia, os curiosos viam e viviam aquele triste espectáculo, mas ninguém ouvia, ou não queriam ouvir os lamentos daquela pobre família e depositavam alguns tostões na mão dum dos filhos para os transportar para o outro lado da rua.

Um dos nossos confrades foi visitá-la. É uma família constituída por: Pai, mãe e seis filhos. O chefe de família e o filho mais velho trabalham para o sustento da família, quando porventura há que fazer, pois a labuta do rio é incerta.

Para lhe darmos o nosso pequeno auxílio, não lhe perguntamos se eram casados ou deixaram de ser, pois já de uma certa idade e com uma meia dúzia de filhos, não nos ocorreu semelhante pergunta. Demos e recebemos o nosso óbulo, quando passado certo tempo dizem-nos que se querem casar. Mas qual o nosso espanto, quando ao falar ao Sr. Abade da freguesia, este se admirou e nos perguntou, como o tínhamos conseguido, visto ter andado anos a ver se os casava.

tem de ir para Paço de Sousa, para o Lar do Porto e também para a nova malta que vem por este mês de Setembro.

— O Sr. Alfredo anda-me sempre a consumir para eu pedir um rádio para que possa passar melhor o dia a ouvir uns fadinhos, porque assim é que se está bem. Já cá temos um que foi oferecido para a Casa-Mãe do Calvário mas ele está noutra casa acompanhado pelo Sr. Teixeira. O Sr. Alfredo já recebeu algumas pastas e mais 20\$00 que lhe mandaram de Gaia.

— Anda na cidade do Porto uma conversazinha a respeito da Televisão para Beire. Já nos foi dada a notícia. Os senhores pensem e resolvam primeiro para Beire, e Paço de Sousa fica a olhar. Não nos deixem ficar mal, assim diz o Sr. Alfredo.

Como já disse que íamos ter a nova malta pedia aos amáveis leitores que nos mandassem uns cortinhos de abelhas que ainda não temos nenhuma. Temos tido poucas visitas. Porque é que os senhores não vêm cá? Já se ordenou o Sr. Padre José Maria. Não se esqueçam dos meus pedidos, s'm? Adeus e até à próxima se Deus quiser.

Zéquita



Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

OS DEZ CONTOS: Não foi em vão que lançamos o apelo. Verdade seja; naquele momento em que o comunicamos sentimos algo que nos dizia baixinho: se os Pobres precisam, alguém há-de dispor. E Deus (que outra força não é capaz de semelhante) bate à porta dos corações. E quantos acordam no estremece! E quantos dão glória a Deus nesse momento! «Obrigado, Senhor, por Te terdes lembrado de mim». Felizes os que escutam a voz de Deus. Felizes! Podem ter pouco, nada ou quase — mas têm tudo. Podem, até, ser fracos, fraquíssimos, a rastejar no pecado, pecadores, (quem se julga justificado?) mas Deus serve-se desses — quantas vezes! — para confusão dos sábios e dos justos.

x x x

J. B., do Porto, é um amigo da primeira hora. E, na hora precisa, ele está na primeira linha. Hoje segue com 50\$ «para o apelo da Conferência». Uma carta: «Pardoe a pequenez do vale (100\$00). É com o coração que junto ele vai, e que o meu desejo de muito mais atraia a vontade dos que podem alim de que muito rapidamente esteja liquidada a dívida de 10.000\$00». Assina: «Ninguém que pede a caridade de uma Avé-Maria». É de Lisboa, esta carta. É de «Ninguém», que manda o vale «com o coração». A Caridade é assim. Outra forma de dar em que a gente não se dá — não é. Carta formosa! Mais à frente segue N. C., de Azeitão. Manda 20\$ «para ajudar». E acrescenta: «Sei que é pouco, mas de boa vontade e assim que puder enviarei mais algum». Não é de teres. Não. Se o fora, não falava assim. «É pouco mas de boa vontade». Quanto não representa isto?! Uma assinante de Gaia diz: «como ainda não tinha este mês contribuído com o meu modesto auxílio, resolvi enviar agora os 50\$ para auxiliar a minorar a dívida». E remata: «que Jesus Nosso Senhor nos proteja a todos e sobretudo dê forças aos infelizes e sofredores para suportarem o seu calvário». Que linda prece!

Tão cristã! «Que Jesus Nosso Senhor nos proteja a todos». (O sublinhado é meu). Todos, — amigos e inimigos. Todos são filhos do mesmo Pai que está nos Céus. Mas «sobretudo dê forças aos infelizes e sofredores para suportarem o seu calvário». Os Pobres precisam de forças, s'm. Quantos calvários dolorosos não suportam, quantos! E o mundo passa, insensível, apático. E nós comemos, e dormimos e, ao nosso lado, Cristo sofre, espera por nós, qual cireneu d'outrora!, para que a Cruz chegue ao c'imo do Monte. Bendita prece, Senhora de Gaia! É impossível que Deus não ajude, quem tanto ama os seus irmãos! De Monchique, uma Anónima envia 50\$, «para ajudar a saldar a nossa dívida, por uma graça obtida pelo Pai Américo». É tempo de dizer que toda esta fase da procissão é de Gente Anónima. Uns, põem só a terra; outros, iniciais; ainda outros, o número de assinantes. De um ou dois fomos tentados a ir pelo ficheiro. É a curiosidade natural. Mas fizemos ponto final. Seria profanar o que é dado tão santamente. É anónimo é anónimo. Nem a gente deve saber quem, nem d'onde. «Mais uma migalha para ajudar a salvar o déficit, pedindo uma oração pelo assinante 6.108. Não precisa ser mencionado». Vai, apenas, para que saiba ter chegado cá. Mais nada. No Espelho da Moda, uma carta fechada com 500\$, de outro Anónimo. De Algueres, mil de'es, de uma Vicentina «com o grande desejo de aprender com Pai Américo». Ma's 100\$ de Ovar. Mais 20\$ de Celeste Prates. Mais 250\$ da assinante 17.096. Mais 23\$00 de Rio Tinto. Mais 20\$ da assinante 4.359. Mais 20\$ de Ponte do Gove. Mais 50\$ de A. L. Mais 20\$ de uma Empregada do Espelho da Moda. Cinco vezes ma's do assinante 15.677. 50\$ de M. D. C. J. O mesmo de A. H., de Gaia. Ainda o mesmo de «um zero». E mais o que ficou por publicar a quinzena passada: Dr. Alonso Vasques, 20\$. Atenção Lourenço Marques: vai aqui o Zé dos Pobres com 70\$. Retribuímos o «forte abraço» e Deus o ajude na Cruzada que é a de todos nós. Apareceu, imediatamente, a assinante 2164, com 60\$, de «seis meses». De algueres, 50\$ «para a pobre mais necessitada; isto é por uma intenção particular». Agora, uma carta que não resisto a publicar: «Faz no dia 25 do corrente dez anos que meu marido foi para Deus; pelo seu

eterno descanso envio 20\$ para a Conferência da Aldeia, pedindo aos contemplados uma prece para que Deus o tenha em Sua Glória». Quando dois Esposos se amam verdadeiramente nem os anos nem a morte quebram e Amor que os une. O Matrimónio Cristiano! Os remanescentes do pagamento de assinaturas é que nos têm valido. E, verdade seja: se muitos não aparecem, aqui, muitas vezes ao ano, pelo menos uma, s'm — quando pagam a assinatura. Neste caso, temos, por exemplo, a assinante 5687, com 20\$. Mais o dobro do Funchal. O mesmo da assinante 14912. Mais 20\$ do n.º 4245. Idem da n.º 26458 «remanescente que é pouco mas de boa vontade». A Aurora Costa manda o mesmo «para um Pobre ma's necessitado da Conferência». Do Porto, A. L. A. 20\$. O dobro, que é costume, da assinante 17.022 que faça chuva ou sol, bate-nos à porta com pontualidade. Num sobrescrito 50\$. A da Matos Veloso, o dobro, Maria H. Covas Alves, de L. Marques, 20\$: «é o que posso dispor e não leve a mal; são migalhas de pobres». E que migalhas! Mais 10\$ de Artur Pinto Carneiro, de Rio Tinto. Mais 30\$, do assinante 15.368. E ma's 20\$ «por alma dos Pais e irmã» da assinante 7604. E mais nada.

Júlio Mendes

CALVARIO

— Continuação da pagina UM —

A assinante 28.480 com mil escudos a dar graças a Deus e sufragar a alma de sua Mãe. Um cartão, duma pecadora, a acompanhar não sei quê. Outro amigo dos pobres, com a mensalidade de Julho — cem escudos. Idem do Dr. Rodolfo. Mais uma lembrança duma pecadora, por uma graça obtida. De Lisboa 50. De uma portuense cem. Vinte de uma doente a pedir as melhores. Uma doente a recomendar-se a outros doentes. Deus os há-de ouvir. Da Direcção de Casa do Povo de Maiorca quarenta escudos. Uma portuense qualquer com uma «migalhinha». A letra é tão delicada e o papel tão bom que certamente a mandou com muito amor.

Práqui só assim!

Padre José Maria

Peregrinação a Lourdes

Continuação da pag. DOIS

mirradas pelo sol. Foram muito simpáticos para conosco. Depois de mostrarmos um pouco a nossa «categoria», entrevistaram-nos e ficaram contentes por terem entrado em contacto com jogadores estrangeiros.

Tocam as businas do carro e lá vamos nós em sprinte vigoroso, para não fazer os outros peregrinos perder tempo. «Todo o mundo» nos lugares, motorista manda «chover» com a sua categoria e o carro em bom andamento, por entre terras secas e despidas, tendo apenas os sítios onde já houve trigo e centeio. Freguesias basto antigas, feitas quase à base de barro. Aqui e além rebanhos de ovelhas e cabras.

Começa a noite a mostrar seus sintomas e eis que nos aparece Ciudad Rodrigo a dominar uma vasta zona. Aqui os campos são mais belos porque mais povoados. E isto só se deve a haver aqui água.

(Continua no próximo número)

Daniel Berges da Silva

PELAS CASAS DO GAIATO

— Jardins. O da casa um está todo tirone, mas foi preciso vir o Fernando D'as, do Lar do Porto, para abrir os olhos e tirar as teias de aranha aos da casa um. O da casa três está na mesma. Da casa dois, a mesma coisa. E o da casa quatro vai pelo mesmo caminho.

— Columbofilia. Carritos, Girafa, Caetano, mal-las respectivas pombas e os concursos. As nossas nunca ficaram mal. Vê-se mesmo que são do Gaiato. Todos os adversários nos temem e nós sempre à cabeça. Dão trabalho, mas também dão muitas alegrias aos seus aficionados. E assim se vão passando as horas com o nariz no ar, sem ser a ver o baíão!...

— O Adão arranjou a boa. Desta vez soube trabalhar no arame, mas ficou-lhe torcida a ginástica!

Disse que tinha engulido um prego. Toda a gente tinha pena dele. Não levantava uma pa'heira. Não podia trabalhar. Não fosse ele apanhar a'gum mau jeito!... Conseguiu ir ao Porto tirar uma radiografia. Quando tal, era ele o rei cá do principado e arredores. A radiografia não falou e isso é que foi o cabo dos trabalhos. Teve de falar a cana do Sejaquin!

— Ai que não torno.
— Não gosto disto.
— Foi sem querer Sepadre Carlos. Mas o diabo do rapaz ainda tem dúvidas!

Po's estes e outros, são maus jeitos muito grandes.

Daniel

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA: — Damos notícias de mais uma família socorrida pelo benfeitor e componente da Campanha «Tenha o seu Pobre». Sr. F. Vasconcelos, este benfeitor é um daqueles que trabalham tão certinho como a roda do mo'inho, pois logo nos primeiros dias do mês, cá está ele com o seu habitual óbulo.

Não sabemos com que sacrificio, mas notamos que tem caridade, basta esta sua incomparável preocupação de bem servir o seu irmão pobre. Sim, porque a caridade não é apenas depositar uns tostões na mão do mendigo, isso é banal. A caridade é preocupar-se, é sofrer, é alegrar-se juntamente com o nosso irmão, rico ou pobre, bom ou mau. O como estaria o mundo se a caridade fosse praticada tal e qual Ele nos ensinou! «Que importa dares todos os teus bens aos pobres, se não tiveres caridade?» Pois esta família socorrida por este nosso benfeitor, não estaria jamais um pou-

Nada mais simples, matou-se-lhes um pouco a fome e atenderam-se com um pouco de paciência os seus desabafos.

Caros leitores, cada vez nos convencemos mais, que ninguém pense entrar na religião numa família sem que primeiro atenda às suas dificuldades.

Presentemente, este lar agora cristão, que é socorrido por este bom samaritano acima referido, ainda não está como é desejo nosso, mas é de compreender, que há tantos anos abandonado não é dum momento para o outro que tudo se modifica.

Ainda há muito que fazer, mas com o habitual auxílio deste benfeitor, cremos que poderemos fazer mais alguma coisa, a favor desta família — e Deus lhe pagará.

Graças ao Pai do Céu o dinheiro não nos tem faltado — quanto mais damos mais recebemos. Como não podia deixar de ser os componentes da campanha «Tenha o seu Pobre», continuam a não abandonar o seu socorrido. Se não vêm um mês, vêm noutro, de maneira que está sempre certo. Mas, alguns cá estão: Primeiramente F. Vasconcelos de Lisboa com 100\$, para esta família acima citada, depois 20\$ de uma anónima + 20\$ da anónima 7 de Maio + 100\$ de Delfina, depois o Sr. Cruz da Beira, que é o n.º 1 da campanha com 150\$00.

Segue-se ainda a ditosa procissão, principando por uma pobre que não pode dar mais de 20\$, depois do Porto uma anónima com 40\$ + 20\$ + 200\$, agradecendo uma graça 20\$, um que não quer que ponhamos no jornal 50\$, em seguida mais uma anónima do Porto com 200\$. De uma menina que ficou bem no exame e que, concertes, fez exame de consciência enviando-nos 150\$ para os Pobres do Barredo, 20\$ da Rua 5 de Outubro e mais 40\$ de uma anónima.

Para findar, como este desfile foi aberto com uma migalhinha de uma pobre, é encerrado agora com outras tantas migalhas dos nossos subscritores, com a quantia de 780\$00. Demos graças e até à próxima se Deus quiser.

Fernando Dias

BEIRE

— Caros leitores, cá me encontro mais uma vez a escrever as pequenas notícias de Beire, que os senhores já devem de estar admirados. E peço desculpa de ser um bocadinho preguiçoso.

— Andamos na colheita da batata! Este ano chegamos aos 37 mil quilos e ainda não chega a nada; porque

TOJAL

O sítio convidava. O tempo era uma delícia. O panorama outro. Num monte arrazado fica a capelinha da Sr.ª da Piedade e quatro casas rústicas que a cercam. Três altas eminências, radantes de beleza tapam-lhe a traseira e os lados. Lá em baixo, um fio de água que, pedregulho após pedregulho, desiza calmo, sereno, benfazejo e constante. Um luxuriante e viçoso vale que a continuação dos montes laterais o limitam. O sol que em algures tudo fazia escaldante, ali reinava a bonança, o bem-estar e frescura emitido pe'a ramaria das árvores onde de mansinho soprava o vento. Os montes morriam longe confinando com um aglomerado minúsculo de casas, respectivamente. Mais além, dispersas povoações com Vila Nova bem distinta. A estas seguiam-se mais elevações que pareciam jamais ter fim. O horizonte era vastíssimo. Nada prejudicava divisá-lo com o estupendo e encantador panorama que se nos deparava d'ante de nossos olhos maliciosos, tudo irradiava graça, beleza e encanto quer visível quer palpável. Até os sons e ruídos das povoações vão morrer à distância suficiente não causando transtorno algum aos retirantes. E mesmo o delirante chilrear dos passarinhos que assistiam sempre ao nosso levantar da cama, com as suas lindas canções como só eles sabem interpretar. Era a canção inicial, o lamiré. Depois nós... Nada nos dissuadia. Antes robustecia o nosso ensejo — de fazermos um excelente retiro que foi, de facto, graças a Deus. O Pai Celeste que tão bom é, juntou a grande Graça a estas graças dispensáveis.

Foi no meio desta deliciosa visão que os tojalenses fizeram o seu retiro. Foi bom. Todos aproveitaram concertes. Quanto a mim acho-o incomparável. Não peço a Deus melhor. Assim já basta.

Para terminar: Temos tido várias excursões mas mereço especial consideração a d'Ajuda e Caselas. Vieram pela frescura aprazível da manhã e saíram pelo vento enjoativo da tarde. Muita alegria e reinação para eles e mais para os nossos maiores. Não se retiraram sem nos deixar a costurada mercearia de: 4 sacos de batata; um de massa, arroz e açúcar; uma lata de café e outra de sabão; dois cabazes de fruta, roupas, dinheiro, talheres e saco de pão. Os nossos sinceros agradecimentos a todos e em especial à Sr.ª D.ª Delfina, a grande entusiasta da divogação. Cá vos esperamos mais vezes.

Zé do Porto